



“É ESTAR A VER A NOSSA CASA A ARDER E ATIRAR GASOLINA PARA O FOGO”: PODER, RESISTÊNCIA E LUTA EM DEFESA DO PLANETA

Carlos A. M. Gouveia
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC)
da Universidade de Coimbra, Portugal

Marta Filipe Alexandre
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria;
Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC)
da Universidade de Coimbra, Portugal

INTRODUÇÃO

O objetivo fundamental deste texto é fornecer uma leitura das ações promovidas pelos movimentos do ativismo climático em Portugal, com vista a uma interpretação dessas ações à luz da análise positiva do discurso (Martin, 2004; Bartlett, 2017). As ações promovidas pelos ativistas climáticos são ações de forte cobertura mediática, de pendor multimodal, cuja semiose se concretiza de forma invulgar e disruptiva nos contextos em que ocorrem. A sua análise neste texto centra-se na forma como tais ações envolvem a capacitação e a mudança social com resultados positivos¹.

¹ A visibilidade mediática das iniciativas, especialmente as que envolvem figuras políticas, é indiscutível. A par de notícias e reportagens, encontram-se artigos

Apresentada e definida inicialmente em Martin (2004), a análise positiva do discurso (APD) visa “compreender como a mudança acontece, para melhor, numa série de eventos/situações – como as feministas refazem as relações de gênero no nosso mundo, como os povos indígenas ultrapassam a sua herança colonial, como os migrantes renovam os seus novos ambientes etc.”². Ancorado neste propósito da APD, este texto procura sobretudo compreender as ações promovidas pelos movimentos do ativismo climático jovem em Portugal como tentativas de mudança para melhor, na sua dimensão promotora da literacia e consciência climáticas. Para o efeito, seguimos a noção de literacias transformadoras, como definidas por Bowman & Germaine (2022, p. 71): “as literacias transformadoras visam transformar as comunidades em vez de as manter. O trabalho da literacia transformadora inclui a melhoria das condições para alargar a participação na concretização da mudança, promovendo a solidariedade entre as comunidades e entre elas”³. Partimos da hipótese de que os jovens ativistas climáticos não realizam meras ações de protesto, mais ou menos mediáticas, mais ou menos disruptivas do quotidiano social - com elas, eles envolvem-se ativamente na imaginação de uma sociedade melhor em que a necessidade de desenvolver formas alternativas de vida, de partilha e de apoio mútuo resultam de uma vontade e ação transformadoras: não se trata apenas de exigir mudanças

de opinião em jornais de referência, programas de televisão e emissoras de rádio nacionais, neles predominando a crítica de pendor negativo. Os autores deste artigo encaram as ações de um ponto de vista literalmente positivo: sendo formas invulgares e disruptivas de intervir na vida em sociedade, merecem ser entendidas a partir da mensagem que veiculam, e como tal valorizadas, e não pelo modo como acontecem ou são realizadas.

- 2 Tradução nossa do original inglês: “*understanding of how change happens, for the better, across a range of sites – how feminists re-make gender relations in our world, how Indigenous people overcome their colonial heritage, how migrants renovate their new environments and so on*” (Martin, 2004, p. 184).
- 3 Tradução nossa do original inglês: “*transformative literacies aim at transforming communities rather than sustaining them. The work of transformative literacy includes improving conditions to widen participation in making change happen by fostering solidarity among and between communities*” (Bowman & Germaine, 2022, p. 71).

políticas e controlo das emissões de carbono, trata-se também e sobretudo de imaginar um mundo melhor do que o que temos.

Para a concretização dos nossos objetivos, procuramos responder a três perguntas de investigação, orientadoras e delimitadoras dos resultados a alcançar:

1. Como se concretizam as ações dos ativistas climáticos nos contextos em que ocorrem (instrumentos, propósito e consequências)?
2. Qual o papel social das ações dos ativistas climáticos nos contextos em que ocorrem: protesto, disrupção ou literacia transformadora?
3. Que marcas identitárias deixam estas ações no coletivo que as promove?

De metodologia de análise fundamentalmente qualitativa, visando “compreender o significado da ação humana, descrevendo as características inerentes ou essenciais dos objetos sociais ou da experiência humana” (Jackson II, Drummond & Camara, 2007, p. 23), o nosso estudo organiza-se em cinco partes, antecedidas por esta introdução e procedidas por uma conclusão. Na primeira parte ou secção, fazemos, inicialmente, uma breve contextualização do ativismo climático nas suas dimensões nacional e internacional, a que se segue uma descrição das ações que constituem o *corpus* de ações a analisar, de acordo com a sua tipologia. Seguidamente, na segunda parte, tecemos algumas considerações sobre a análise discursiva dos movimentos ativistas climáticos, ao mesmo tempo que procedemos ao enquadramento de aspetos teóricos fundamentais para a análise. São trabalhados conceitos relativos ao ativismo climático, à análise positiva do discurso e à semiótica social de raiz sistémico-funcional (Halliday, 1978; Halliday, 2014; Kress & van Leeuwen, 2001). São ainda introduzidos elementos para

uma análise semiótico-social das ações dos ativistas climáticos e quais as categorias a usar na sua análise, tendo em consideração a descrição e tipificação das ações operadas anteriormente. De seguida, na terceira parte, procedemos à análise propriamente dita, à luz das categorias apresentadas, procurando sistematizar aspetos relevantes para a operacionalização da secção seguinte, de discussão de resultados, em que são retomados objetivos e perguntas de investigação. O texto termina com uma conclusão, de pendor descritivo da implementação e desenvolvimento do estudo, em que se dá conta do trabalho efetuado e se levantam questões de reflexão para investigação posterior.

CONTEXTUALIZAÇÃO

No contexto português, a designação ativismo climático reúne significados de grande amplitude semiótica, sobretudo porque é vasta a categorização de possibilidades discursivas que a mesma potencia. Recentemente, porém, tais significados têm vindo a concentrar-se em torno de construções discursivas de realidades sociais muito específicas, como *ser-se jovem*, *ausência de futuro*, *catástrofe ambiental*, *emergência climática* e, muito particularmente, *necessidade de agir*⁴. Neste processo de redução da capacidade de significação verbal, ativismo climático tornou-se expressão sinónima de disrupção, irreverência e não conformidade, ao mesmo tempo que passou a englobar formas de significação não exclusivamente verbais e muitas das vezes não verbais, sequer. Tendo um pendor fortemente multimodal, os significados discursivos associados ao ativismo climático oscilam entre significados

4 Estes significados e construções discursivas fazem parte da narrativa criada e veiculada pelos jovens ativistas e é sobre esses que nos debruçamos. Note-se que a narrativa da comunicação social, que alimenta o quotidiano dos cidadãos e à qual já aludimos (vd. nota 1), não regista os mesmos significados. Trata-se de uma narrativa de pendor crítico e negativo, que constrói significados e construções discursivas desligados da questão da ação climática e centrados meramente na negatividade da disrupção: *violência e bloqueio*, *protesto e queixa*, *invasão e ocupação*, *vandalismo e agressão*.

produzidos de forma predominantemente verbal ou significados quase exclusivamente produzidos multimodalmente, em que a dimensão verbal está praticamente ausente.

O ativismo climático, como o entendemos acima, está ligado aos movimentos estudantis das designadas greves climáticas, que têm a sua génese na ação de Greta Thunberg, em agosto de 2018, quando tinha apenas 15 anos, de começar a faltar às aulas, como forma de chamada de atenção e consciencialização dos perigos associados ao não cumprimento, por parte de todos os países, dos acordos do clima de Paris 2015. Iniciaram-se assim as chamadas “Sextas-feiras pelo futuro” (*Fridays for Future*), em que jovens de escolas básicas e secundárias de vários países faziam greve às aulas como forma de chamada de atenção para a necessidade de pensar o futuro perante a irreversibilidade das alterações climáticas e a inércia da ação humana para mudar comportamentos (Bowman, 2020). Muito por ação das redes sociais, o protesto das “Sextas-feiras pelo futuro” tornou-se trans e internacional, com jovens ativistas a manifestarem-se regularmente em cerca de 3000 cidades do mundo inteiro, em vez de irem à escola. A partir da ação de Greta Thunberg e da sua difusão mundial surgem vários movimentos. A ação das “Sextas-feiras pelo futuro” ganha estatuto organizacional de movimento, *Fridays for Future* (<https://fridaysforfuture.org/>), congregando ações e movimentos variadamente designados: *School Strike for Climate*; *Extinction Rebellion* (XR) (Bowman, 2020; Bowman & Germaine, 2022).

Em Portugal, aparecem em 2018-2019 a Greve Climática Estudantil e XR, assim como a adoção dos mesmos valores por parte da Climáximo, criada em 2015, e o aparecimento da Lidera, em 2020 (vd. Santos, Uzelgun & Carvalho, 2023). Embora ativados por influência de movimentos internacionais e da difusão global de publicações nas redes sociais, de que Greta Thunberg fez uso abundante e sistemático, as ações dos jovens portugueses cedo ganharam cunho identitário próprio⁵. Esta marca identitária é

5 O projeto de investigação *JustFutures: Futuros Climáticos e Transformações Justas: Nar-*

visível na ação/queixa que seis jovens portugueses com idades compreendidas entre os 11 e os 24 anos interpuseram em 2020 ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (TEDH) contra 32 países, incluindo Portugal, por não cumprirem um dos objetivos do Acordo de Paris sobre o clima, de 2015, tomando as medidas preventivas necessárias para a desaceleração do aquecimento global, com vista a que este não ultrapasse os 1,5 graus Celsius em relação à época pré-industrial. Terceiro processo de ação climática a ser interposto ao TEDH, esta ação tornou-se a maior ação do tipo, devido ao número avultado de países acusados, já que as anteriores ações dizem respeito a apenas um país, cada uma. Realizada a única audiência do processo em 27 de setembro de 2023, a ação teve o seu desfecho a 9 de abril de 2024, com uma decisão desfavorável aos jovens, por o tribunal ter considerado que estes não esgotaram todas as vias judiciais de recurso nacionais antes de recorrerem ao Tribunal Europeu⁶.

O ano de 2023 foi particularmente relevante no que respeita às ações destes jovens ativistas portugueses, muitos deles agora estudantes universitários, com ações a decorrer em várias universidades. De particular importância neste contexto foi a ação desencadeada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), ainda em 2022, a 11 de novembro, que culminou com a detenção de quatro dos jovens ativistas, para identificação e apresentação a tribunal. A ação na FLUL foi uma de várias ocorridas em instituições de ensino superior e secundário em Lisboa, mas a única que se tornou mediática devido à intervenção policial

rativas e Imaginários Políticos dos Jovens (<https://justfutures.pt/projecto>), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal, dá conta dos movimentos ativistas portugueses e do seu impacto na comunicação social e na sociedade, com base em notícias produzidas sobre as suas ações. Dos *outputs* do projeto destacamos o artigo sobre a cobertura dos ativistas climáticos na televisão: Santos, Uzelgun & Carvalho (2023).

6 Os casos anteriores são o processo da Associação Suíça de Mulheres Idosas para a Proteção do Clima (<https://en.klimasenioren.ch/>), contra o seu país, e o processo contra a França do deputado francês Damien Carême. Estas ações tiveram audições públicas a 29 de março de 2023, aguardando ambas julgamento, como a ação dos seis jovens portugueses. A segunda teve também resposta desfavorável, mas a primeira foi reconhecida, com o tribunal a condenar a Suíça por violar a Convenção sobre Direitos Humanos..

chamada ao local, visto não haver manifesta justificação de segurança. Na sequência, 2023 tornou-se um ano particularmente profícuo para a ação destes jovens, com os meses de setembro e outubro a atingirem níveis de intervenção superiores aos anteriores. O registo das ações realizadas nestes dois meses dá conta de vinte e uma (21) ocorrências de expressão diversa, entre cortes de estrada e consequente bloqueio, atirar tinta a pessoas ou a edifícios, e colagem de mãos. Apresentamos, em apêndice, a lista dessas ações e a sua descrição.

ENQUADRAMENTO E ELEMENTOS PARA A ANÁLISE SEMIÓTICA E SOCIAL

Do ponto de vista sociológico, a ação coletiva pode ser definida como “a ação levada a cabo por indivíduos enquanto membros de um grupo psicológico que visa atingir objetivos de grupo num dado contexto político” (van Zomeren, 2016, p. 89 *apud* Osborne *et al.*, 2019, p. 244)⁷. Quando os objetivos visados se situam num movimento social, fala-se em ações ativistas. Este tipo de ações materializa-se em formatos diversificados e a sua relevância social tem justificado o interesse da comunidade académica de diferentes áreas disciplinares.

As formas criativas e não convencionais de ação ativista têm vindo a ser objeto de análise discursiva detalhada, em particular no contexto da defesa dos direitos das mulheres em países onde vigoram regimes repressivos ou pouco tolerantes (Allan, 2018; Joosub, 2023). Foram identificadas estratégias como (i) o recurso a iniciativas de pendor artístico e social, a chamada ‘arte da presença’ que não é objeto da proibição aplicada a qualquer ação assumidamente cívica ou política, e (ii) a reconfiguração de identidades, mostrando-se os ativistas como especialistas que for-

7 Tradução nossa do original inglês: “any action undertaken by individuals as psychological group members tend to achieve group goals in a political context (van Zomeren, 2016, p. 89)” (Osborne *et al.*, 2019, p. 244).

necem informação sobre um dado assunto e, assim, conhecedores legítimos. Por meio de estratégias como estas, cria-se “uma nova linguagem para se ser resiliente, eficaz e flexível, bem como para redesenhar a esfera da reivindicação” (Allan, 2018, p. 309)⁸. No caso das ações ativistas por parte de indivíduos particularmente desprovidos de poder e de recursos como os migrantes vindos de países africanos ou os refugiados sírios que procuram viver na Europa, a análise discursiva tem permitido descortinar a estrutura, o enquadramento e o impacto da adoção de formas de protesto tidas como mais radicais - como a greve de fome de cerca de 300 pessoas durante 44 dias (Karyotis, Skleparis & Patrikios, 2022). Interessa, portanto, dar atenção não só à diversidade, à novidade - como a ocupação reiterada de espaço exterior a uma mesquita, focada em Joosub (2023) - ou ao radicalismo dos comportamentos ativistas, mas, ainda mais, à forma como estes se (re)constroem na arena pública e (re)definem papéis sociais.

A presente análise incide sobre ações coletivas de natureza ativista e procura descrever as escolhas semióticas e os significados delas emergentes, partindo das premissas de Halliday (2014) e do conceito de repertório de literacia ativista explorado em Humphrey (2013).

No quadro geral da Semiótica Social, diferentes ferramentas analíticas têm vindo a ser criadas para descrever e analisar a natureza multimodal do discurso, a partir da consideração de que a cultura é marcadamente multimodal por natureza e que esse carácter multimodal se acentuou nas últimas décadas, como refere Kress (2010, p. 6):

Os efeitos semióticos são reconhecíveis em muitos domínios e a vários níveis: ao nível dos meios de comunicação e da disseminação de mensagens - mais marcadamente na passagem do livro e da página para

⁸ Tradução nossa do original inglês: “*new language to remain resilient, effective, and flexible as well as to remap the sphere of claim making*” (Allan, 2018, p. 309).

o ecrã; ao nível da produção semiótica, na passagem das antigas tecnologias da impressão para os meios digitais e eletrónicos; e, na representação, na passagem do domínio do modo da escrita para o modo da imagem, entre outros. Os efeitos fazem-se sentir em todo o lado, tanto na teoria como na prática da vida quotidiana.⁹

No âmbito da presente análise, examina-se um conjunto de recursos semióticos, listados no Quadro 1, tomando uma série de perguntas orientadoras. As perguntas situam-se em duas das três metafunções sobre as quais assenta a arquitetura geral dos sistemas de significação humanos e sua relação com o meio ecológico e social, conforme a modelização sistémico-funcional da língua (Halliday, 2014, pp. 29-31). Concorre ainda o contributo da geosemiótica e o conceito de “semiótica do lugar”, assumindo-se que o local constitui dimensão da análise e focando-se, “não a indexicalidade da língua”, mas “as formas pelas quais o sistema de signos linguísticos aponta para os outros sistemas semióticos que existem à volta da língua” (Zidjaly, 2014, pp. 69-70)¹⁰. Espera-se, assim, desenvolver, em perspectivas distintas e complementares, uma análise semiótica à luz do potencial de significação de cada recurso, quer em termos de representação e construção do conhecimento sobre o ambiente, quer em termos de negociação de papéis sociais.

9 Tradução nossa do original inglês: “*The semiotic effects are recognizable in many domains and at various levels: at the level of media and the dissemination of messages – most markedly in the shift from the book and the page to the screen; at the level of semiotic production in the shift from the older technologies of print to digital, electronic means; and, in representation, in the shift from the dominance of the mode of writing to the mode of image, as well as others. The effects are felt everywhere, in theory no less than in the practicalities of day-to-day living*” (Kress, 2010, p. 6).

10 Tradução nossa do original inglês: “*rather than focusing on indexicality in language [...], geosemiotics focuses on ‘the ways in which the sign system of language indexes the other semiotic systems in the world around language’; it is interested in ‘the indexical world than in the systems of Indexicality in language’ (Scollon and Scollon 2003, p. 5). To arrive at the indexical world, a geosemiotic analysis examines four resources: emplacement, code preference, inscription, and discourses in time and place*” (Zidjaly, 2014, pp. 69-70).

Quadro 1 - Recursos semióticos analisados.

Recursos semióticos	Perspetiva ideacional	Perspetiva interpessoal
<i>linguagem verbal</i>	Como são representadas as iniciativas dos ativistas e a causa ativista no uso oral e escrito da língua?	Que papéis sociais se auto-atribuem os ativistas no uso oral e escrito da língua? Como são avaliadas as iniciativas ativistas?
<i>postura</i>	Como são representadas as iniciativas dos ativistas e a causa ativista na postura dos ativistas?	A postura intervém na negociação do papel social dos ativistas?
<i>cor</i>	Que significados são expressos por meio do uso de determinada cor?	Qual o impacto da cor na negociação de papéis sociais e na avaliação da iniciativa ativista?
<i>local</i>	Que significados veicula o local em que se dá a iniciativa ativista?	Qual a conexão entre o local onde se dá a iniciativa ativista e os papéis sociais e a avaliação da iniciativa ativista?
<i>instrumentos</i>	Que significados veiculam os instrumentos utilizados pelos ativistas?	Qual o impacto dos instrumentos utilizados na negociação dos papéis sociais dos ativistas e na avaliação da sua iniciativa?

Observa-se, em cada ação, diferentes manifestações do uso e variadas combinações destes recursos semióticos. Na análise, procura-se considerar o uso destes modos de significação no contexto de situação de cada ação e destrinçar os elementos mais relevantes nesse âmbito. No olhar analítico, não focamos os recursos apenas isoladamente, consideram-se os vários recursos em articulação. A par da descrição e análise de cada recurso semiótico, considera-se igualmente relevante diferenciar entre o uso situado numa ação levada a cabo por um indivíduo ou por um grupo. Embora se trate de iniciativas coletivas, a apropriação material (física) dos recursos semióticos estará sujeita a variação, o que poderá ter reflexo no potencial de significação respetivo.

Não tendo presenciado quase nenhuma das iniciativas, os autores acederam a registos audiovisuais e escritos que circularam

em meios de comunicação, como canais de televisão nacionais e jornais de referência em linha, a par dos conteúdos disponibilizados pelos próprios grupos nos seus sítios em linha (por exemplo, <https://www.climaximo.pt/>) ou respetivos perfis em plataformas digitais. Estamos cientes de que os vários registos consultados configuram recortes e construções diferentes das iniciativas. Para uma exposição mais detalhada da análise empreendida, reproduzem-se fotografias oriundas dos registos consultados.

ANÁLISE

Foi escolhido um pequeno conjunto de ações, tendo em conta os tipos de iniciativas empreendidas (cf. apêndice): uma ação de bloqueio (o tipo mais frequente), uma ação de atirar tinta (o segundo mais frequente) e duas ações de outros tipos (menos frequentes): colagem de mãos e partir vidros.

Nas quatro ações selecionadas, encontram-se exemplos diversos de uso dos seis recursos previamente selecionados. No Quadro 2, segue um exemplo de uso de cada um dos recursos, acompanhado por uma breve descrição situada no contexto da ação onde ocorrem.

Quadro 2 - Exemplos de uso de recursos semióticos.

Recursos semióticos		Exemplos de uso
linguagem verbal	oral	<p>“Os governos e as empresas <u>declararam guerra</u> à sociedade. Eles estão-nos a matar. Não há arte num planeta morto. Tudo o que tu amas está a ser destruído por eles. <u>Temos a responsabilidade de resistir. Junta-te a nós.</u>”</p> <p>Enunciado produzido por dois ativistas sentados no chão de um museu, ao pé do quadro que cobriram com tinta vermelha (v. Figura 1).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participam três intervenientes: nós = os ativistas, tu = a sociedade, eles = governos e empresas. Há diálogo direto entre ativistas e sociedade. • Constrói-se cenário de guerra, destruição e morte (palavras a negrito). • Há julgamento moral (marcado com sublinhado).
	escrita	<p>“O governo e as empresas declararam guerra à sociedade e ao planeta”</p> <p>Enunciado apresentado numa faixa segurada por dois ativistas suspensos de uma ponte pedonal, próximo da ponte GALP (v. Figura 2).</p> <ul style="list-style-type: none"> • O participante “o governo e as empresas” está visível no nome da ponte. • Constrói-se cenário de guerra.
postura	<p>Ativistas estão sentados no chão ao pé do quadro do museu, encostados na parede, com braços fletidos e mãos esticadas (v. Figura 1).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estar sentado no chão expressa determinação, resistência não violenta. • Os braços fletidos expressam tensão e vontade de resistir. • As mãos esticadas expressam energia e vontade de resistir. 	
cor	<p>Tinta vermelha é espalhada em cima de um quadro, com as mãos (v. Figura 2).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tinta vermelha sugere sangue. Nas mãos, é uma metáfora do suicídio. • A cor vermelha expressa urgência e importância máxima. 	
local	<p>Ativistas estão suspensos de via pedonal acima de uma via rodoviária: ponte GALP, 2ª Circular, Lisboa (v. Figura 1).</p> <p>Estar ao pé da ponte GALP constitui uma forma de interpelar a empresa.</p> <p>Estar pendurado numa ponte pedonal é uma forma de negociar a atenção da comunicação social.</p> <p>Estar pendurado acima de uma via rodoviária com tanto trânsito significa estar em perigo.</p>	
instrumentos	<p>Ativistas usam marretas para partir montra de loja (v. Figura 3). Outros instrumentos utilizados incluem: cimento para cobrir buracos de campo de golfe, megafone para amplificar a voz, corpo para impedir o trânsito.</p>	

Na descrição apresentada no Quadro 2 faz-se remissão para figuras. As figuras 1-3 permitem visualizar algumas das situações de uso dos recursos semióticos, correspondentes a momentos das ações especificamente em análise.

Figura 1: Fotografia da ação na 2ª Circular



Fonte: João Porfírio, *Observador*; acesso em: 03 out. 2023.

Figura 2: Fotografia da ação no museu CCB



Fonte: *Climáximo*; acesso em: 13 out. 2023.

Figura 3: Fotografia da montra da loja Gucci



Fonte: Matilde Fieschi, *Público*; acesso em: 21 out. 2023.

A primeira das ações que passamos a considerar realizou-se no dia 3 de outubro de 2023 e envolveu 11 ativistas, que, pelas 9 horas da manhã, interromperam o trânsito na 2^a circular de Lisboa, uma das vias de trânsito mais congestionadas àquela hora. Sentados no chão, de mãos dadas ou segurando cartazes e faixas com frases e palavras de ordem, e todos envergando coletes laranja, nove jovens interromperam completamente durante alguns minutos a via de sentido oeste-este daquela estrada. Dois outros intervenientes penduraram-se na ponte pedonal que atravessa a via. Várias gravações-vídeo da ação foram efetuadas, quer por membros do movimento Climáximo, que organizou o evento, quer por outras pessoas que a ela assistiram.

Este foi, portanto, um evento coletivo que envolveu ativistas em pelo menos duas ações distintas. Se a ação dos nove ativistas sentados no chão durou pouco tempo, mantendo-se a via de trânsito totalmente cortada por poucos minutos, a ação dos ativistas pendurados na ponte pedonal, onde estavam suspensos por cordas, causou uma mais longa interrupção, por causa da necessidade de usar carros de bombeiros e guas para os retirar do local. A

disrupção, com o trânsito a passar lentamente no decurso de um enorme engarrafamento, durou cerca de duas horas.

Do ponto de vista da semiose associada à ação, diríamos que a mais relevante decorre do local onde tudo aconteceu. Por um lado, porque foi realizada numa zona da via que fica em frente da sede da GALP, a empresa petrolífera nacional; e, por outro, porque a ponte pedonal em que os dois jovens se penduraram atados com cordas foi financiada pela mesma empresa petrolífera e é conhecida como a ponte da GALP (v. Figura 1).

Estamos, efetivamente, perante uma ação concertada, cujo objetivo seria o de expor à sociedade aquilo que os ativistas consideram serem os vícios e erros da empresa petrolífera. O cenário criado, o de uma guerra, é diretamente ativado em linguagem verbal pela frase de uma das faixas de denúncia, empunhada pelos dois jovens pendurados na ponte pedonal: “O governo e as empresas declararam guerra à sociedade e ao planeta”. Há agentes de guerra, no caso o governo e as empresas, em particular a GALP, interpelada diretamente pela escolha semiótica do local da ação, e há metas das ações desses agentes. Note-se que o processo verbal “declararam” tem valor semiótico particular, congregando em si um conjunto de ações de pendor material: declarar guerra não é um processo de dizer, declarar guerra é um processo de fazer – é o conjunto das ações do governo e das empresas que é construído como uma declaração de guerra. E como em todas as guerras, a destruição e a dor ganham especial relevância, como uma outra faixa empunhada pelos jovens ativistas deixava ler: “Estão a destruir tudo o que tu amas”. A metáfora da guerra ganha particular relevo, se considerarmos a postura dos jovens durante a ação, cujo significado expressa, por um lado, paz, apesar da guerra decretada pelo governo e as empresas, e, por outro, sofrimento, por causa da guerra decretada pelo governo e as empresas. A paz é transmitida pela atitude e postura do corpo dos ativistas sentados no alcatrão da 2ª circular, numa ativação de significados que evoca o movimento

pacifista anticolonialista e nacionalista de Mahatma Gandhi: os jovens estão “sentados à Gandhi”, em reivindicação dos seus direitos civis, protestando pacificamente. O sofrimento é transmitido pelos dois jovens pendurados na ponte pedonal, da qual estão suspensos com cordas, feitos reféns da guerra contra o clima. Note-se que a operação que envolveu a retirada destes dois jovens levou tempo e foi uma verdadeira ação de resgate e salvamento, mesmo que não tenha sido realizada por uma força especial do Exército. A ideia de sofrimento é ainda acentuada, com o processo verbal relacional identificativo que correlaciona identitariamente a crise climática em que vivemos com genocídio, expresso na terceira faixa empunhada pelos jovens: “A crise climática é um genocídio”.

Do ponto de vista do uso da linguagem verbal, note-se que as três faixas usadas na ação contam uma história sobre o clima, recriam o género *exemplum* (Martin & Rose, 2008) com duas faixas cor-de-laranja escritas com letras brancas, uma de orientação da narrativa, outra com a sua complicação, e ainda uma de cor branca, com letras cor-de-laranja, que expressa a etapa genológica de avaliação: “O governo e as empresas declararam guerra à sociedade e ao planeta”, “Estão a destruir tudo o que tu amas”, “A crise climática é um genocídio”. Esta é, como já frisado, uma história de guerra, aparentemente sem resolução da complicação criada. A história que se conta, o *exemplum*, procura o seu desfecho por ação destes jovens ativistas, que exigem ao governo e às empresas a resolução devida e aos seus interlocutores o envolvimento necessário para a compreensão da história¹¹.

11 Como todos os géneros da família das histórias, o *exemplum* busca o envolvimento do ouvinte/leitor/interlocutor e envolve uma *complicação* (ou um distúrbio) não resolvida, cuja *avaliação* consiste numa interpretação (em vez de uma reação, como no episódio). Como afirmam Martin & Rose (2008, p. 51), “o tipo de atitude expressa na interpretação tende a ser o julgamento do carácter ou do comportamento das pessoas. Mais uma vez, o incidente pode envolver um comportamento que é admirável ou condenável, pelo que o julgamento que se segue pode admirar ou criticar, elogiar ou condenar.” (“*the type of attitude expressed in the interpretation tends to be judgement of people’s character or behaviour. Again the incident may involve behaviour that is either admirable or damnable, so the ensuing judgement may either admire or criticise, praise or condemn.*”)

Um dos objetivos da ação era parar a normalidade, como frisou o porta-voz deste grupo de jovens. Note-se o sentido múltiplo da expressão, que traduz num contínuo a atitude programática destes jovens: parar o trânsito, parar a normalidade do quotidiano, parar o uso de combustíveis fósseis. Parar é, pois, a palavra-chave, e o que realmente importa é parar o uso dos combustíveis fósseis, resolver a complicação da história de sofrimento presentemente vivida pela humanidade.

A segunda ação que passamos a considerar, aconteceu na noite de 11 para 12 de outubro, quando um grupo de ativistas entrou no espaço de um campo de golfe na cidade de Lisboa e interveio de duas formas. Taparam alguns dos buracos com cimento e substituíram algumas das bandeiras dos buracos com as que o grupo costuma usar em manifestações públicas, onde se lê a mensagem escrita “Desarmem as armas.” No dia seguinte, partilharam o registo da iniciativa nas suas redes sociais e enviaram comunicado escrito à redação de vários meios de comunicação:

Estes espaços, dentro da cidade, ao invés de serem convertidos em floresta, habitação, hortas urbanas, ou dados qualquer tipo de uso público, servem para o luxo dos ricos, à custa de uma quantidade absurda de água. São como uma torre de marfim onde os culpados por estas crises se escondem enquanto a população sofre com a seca e ondas de calor.

A intervenção no campo de golfe é uma ação manifestamente intromissiva, porque envolve presença transformadora em espaço privado. Aliás, o facto de ter ocorrido de noite dá conta da sua natureza ilegal. Dela o público vê o resultado. A par da linguagem verbal do comunicado e do local escolhido, como principal recurso semiótico destaca-se o uso de um instrumento: o cimento.

O cimento constitui um aglomerante que confere resistência, com várias aplicações, sobretudo na construção. É uma presença comum no espaço público da vida atual. Sendo protagonista na ação dos ativistas e considerando que, no comunicado escrito, se opõe a possibilidade de haver “floresta, habitação, hortas urbanas” e a realidade pétrea de um uso do cimento como uma “torre de marfim”, aqui estará a realçar-se o contraste entre a fruição pública e a fruição privada do espaço. Há um espaço privado que serve para esconder e um espaço público que serve para viver e conviver.

Outros significados conotativos se acrescentam, tomando ainda em linha de conta o espaço da ação. A área de um campo de golfe serve um fim lúdico, não acessível à generalidade das pessoas e associado a um estilo de vida de elite. Está ocupada por relva, envolvendo rega constante e, por conseguinte, elevado consumo de água. Com esta iniciativa, traz-se para escrutínio público esta forma de consumir um bem essencial à vida humana, formando-se um olhar crítico através da inutilização do campo de golfe.

O olhar crítico estende-se também ao próprio local: um campo de golfe numa área urbana. Os buracos de um campo de golfe, que são, literalmente, espaços vazios, constituem elemento indispensável para se poder jogar. Ora, quando cobertos com cimento, os buracos não ficam apenas inutilizados, eles desaparecem. E há aqui subtileza: ao preencher-se o vazio, ele deixa de existir. Proporciona-se, assim, uma tomada de consciência social e ecológica: o uso de um material que assegura habitação (condição essencial à vida de todos), presente no espaço público, impede a atividade restrita de uma elite. O campo de golfe é como um buraco no meio da cidade que está tapado, isto é, vedado ao uso público.

Por fim, falta notar que esta ação replica uma outra iniciativa realizada pelo mesmo grupo (14/7/2023), apenas com duas pe-

quenas diferenças: aquela aconteceu poucos dias depois de se ter registado o mês de junho mais quente da história do planeta Terra e as imagens partilhadas nas redes sociais incluíram fotografias de pormenores da preparação e aplicação do cimento.

Uma outra ação de grande relevância foi a que dois jovens realizaram num museu em Lisboa, no dia 13 de outubro de 2023. Os jovens espalharam tinta vermelha com as mãos sobre o acrílico que cobre o quadro *Femme dans un fauteuil (métamorphose)* (1929), da autoria de Pablo Picasso, em exibição numa sala de exposições do Centro Cultural de Belém (Lisboa). Depois, sentaram-se no chão e ficaram encostados à mesma parede onde está o quadro. Ambos mantiveram uma das mãos esticada no chão e outra esticada na parede. Finalmente, falaram, em tomadas de vez alternadas, produzindo um discurso ensaiado e terminaram com “Junta-te a nós” (v. exemplo de linguagem verbal oral no Quadro 2). A ação ocorreu perto do meio-dia e ficou integralmente gravada em vídeo, possivelmente por um outro ativista ou por alguém que estava a visitar o museu. A gravação foi publicada por diferentes entidades, privadas e públicas, no TikTok e no YouTube. A ação foi reportada por agências noticiosas nacionais e foi referida nos principais jornais nacionais (como, por exemplo, o *Expresso* e o *Observador*) onde, na maioria dos casos, se inclui ligação direta para o vídeo da gravação.

A iniciativa dos ativistas tem no seu centro a ação de atirar tinta que se interliga com outros modos de significação e dos quais se destacam quatro: a cor, a postura, a linguagem verbal e o local da ação.

Consideremos os significados expressos pelos recursos apontados na sua interseção com o ato de atirar tinta. Em primeiro lugar, colocar tinta em cima de um quadro é uma ação agressiva, na medida em que traduz vontade de esconder ou fazer desaparecer algo. Neste caso particular, tapar um quadro de um autor famoso significa, ainda, desafiar o cânone (aquilo que se valoriza como

arte) e desrespeitar as convenções sociais. Note-se, porém, que o quadro em causa está protegido por uma placa de acrílico, o que indicia uma intenção de levar a cabo um ato claramente simbólico e não uma agressão material sobre o quadro.

Passemos, agora, à linguagem verbal. Numa primeira parte do discurso oral, ouve-se a denúncia exposta por escrito em ocasiões anteriores (v., e.g., ação de 3/10/2023, na 2ª circular): uma história sobre o clima onde se destacam uma acusação (os governos e as empresas são agentes de guerra) e a metáfora da guerra. Também no contexto do museu, diferencia-se uma imagem de paz por parte dos ativistas: construída pela postura e pelo tom calmo com que as palavras são proferidas. Na segunda parte, há um apelo direto, com o imperativo verbal (junta-te), e um argumento: o observador/audiência (a sociedade) deve juntar-se à causa dos ativistas, porque resistir é uma responsabilidade de todos.

A tinta é vermelha e foi espalhada pelos ativistas usando ambas as mãos, num gesto que poderá replicar o próprio ato criativo, especialmente se pensarmos nas técnicas de pintores modernistas e contemporâneos. A cor associa-se ao sangue e à urgência, considerando o cenário de guerra e a emergência climática expressos por meio do discurso oral. Quanto à postura corporal dos ativistas, sentados no chão (invocando, de novo, o movimento de Gandhi), de mãos coladas ao chão e à parede, nela se lê determinação pacífica de permanecer e resistir. O corpo encostado na parede não expressa passividade, mas energia e tensão, porque os braços estão tensos. Finalmente, a forma como as mãos se estendem sugere a abertura de quem não tem nada a esconder (v. Figura 2).

A posição pacifista constitui uma transgressão no espaço concreto do museu, onde vigora uma série de regras (algumas apresentadas à entrada do museu, outras implícitas) que os visitantes devem conhecer e respeitar, tais como: não é permitido tocar nos objetos de arte, gritar no espaço do museu nem estar sentado no chão. Assim, desrespeitar o protocolo de um espaço

público significa que os ativistas assumem duas ambições: (1) ter a atenção do público em geral e, ao mesmo tempo, (2) contar com a ajuda dos meios de comunicação para uma presença mais forte, não só pela voz mas pela presença agentiva. Os órgãos de comunicação social são, de certa forma, convocados para desempenharem, literalmente, a função de meio: os ativistas (nós) interpelam a sociedade (tu) através da comunicação social.

São várias as semelhanças entre esta e intervenções ativistas realizadas noutros países europeus ao longo de 2022: uma obra de arte valiosa ou famosa, exposta ao público com proteção, é coberta com um instrumento de transgressão (sem que seja danificada) e profere-se oralmente uma acusação e/ou um apelo. Recorde-se, a título de exemplo, os casos do Museu do Louvre, em 29/05/2022, do Museu Nacional de Oslo, em 11/11/2022, e do Museu Leopold de Viena, em 15/11/2022. No Museu do Louvre, o quadro *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci, protegido por vidro, é coberto com tarte por um ativista isolado que, depois, grita: “Há pessoas a tentar destruir o planeta, pensem na Terra, pensem na Terra. Os artistas que pensem na Terra. Foi por isso que fiz isto.” No Museu Nacional de Oslo, o quadro *O grito* de Edvard Munch, resguardado dentro de uma caixa de vidro, é coberto com cola por vários ativistas que gritam: “Não haverá grito, quando as pessoas morrerem. Não haverá grito, quando os políticos ignorarem a ciência.” No Museu Leopold de Viena, o quadro *Morte e Vida* de Gustav Klimt, protegido por um vidro, é coberto por tinta preta por um ativista que grita: “Parem com a destruição fóssil. Estamos a correr em direção ao inferno climático.” Em todas as ações se evidencia um propósito comum que é o de construir uma tomada de consciência coletiva, por meio da interpelação direta no espaço comunicativo da arena mediática.

A última das ações que convocamos para análise é uma das poucas que envolvem destruição física de propriedade. No dia 21 de outubro de 2023, por volta das 10h25, quatro jovens desloca-

ram-se à loja Gucci, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, uma loja de produtos de luxo, e partiram o vidro da montra à marretada (v. Figura 3). Deixam no vidro uma inscrição a vermelho que diz, em três linhas: “Partir vidro/ em caso de emergência/ climática”. Entre a primeira e a segunda linhas surge a imagem de uma ampulheta. A inscrição joga intertextualmente com a frase “Quebrar em caso de emergência”, presente em janelas de grande dimensão nos transportes públicos. Discursivamente, convoca todas as situações em que a destruição de um vidro, isto é, a destruição de propriedade, se justifica por razões de emergência pública. A emergência, neste caso, que justifica a destruição, é a emergência climática.

Mais do que o seu efeito em si, este tipo de ação tem como objetivo marcar uma posição cujo impacto na comunicação social é propositado. O que importa não é tanto a ação, mas o que um comunicado de imprensa pode expressar, uma vez desencadeado o interesse da comunicação social. A ação tem, portanto, sobretudo, um caráter simbólico, cujo propósito é o veicular de uma mensagem expressa no comunicado de imprensa. Esta, como outras do tipo, embora sem que nessas haja destruição de propriedade, é uma ação-instrumento de uma outra ação. O que importa neste caso é o que se pode expressar e significar por via da linguagem verbal, convocando significados que configuram o universo Gucci como um universo que se caracteriza por ser um dos maiores representantes da “indústria de retalho de luxo”. No comunicado, a ação surge consubstanciada na asserção: “É preciso acabar com o consumo e as emissões de luxo”. Note-se que, em homologia com a vontade expressa no comunicado, para a concretização desta ação-instrumento, o que se usou foi um instrumento de demolição, a marreta.

Esta e outras ações vivem sobretudo das palavras, não das palavras da ação, mas das palavras adiadas para um momento posterior de comunicado. No sítio da Climáximo, onde uma nota informativa foi produzida sobre a ação, é apresentado um vídeo

com uma jovem envergando uma *t-shirt* com a seguinte frase: “Eles declararam guerra contra a vida”. O texto enunciado por esta jovem, retrabalhado na nota da Climáximo que o enquadra, diz: “A ONU diz que os ultra ricos têm que cortar mais de 97% das suas emissões, mas o consumo de luxo nunca foi tão alto. Enquanto uns lucram e são donos da terra, outros são despejados e deportados, sem terra, sem casa, sem comida. Eles declararam guerra contra as pessoas e contra o planeta, e lucram com isso. Nós todas temos a responsabilidade de parar esta guerra e de construir a paz. Temos de criar a disrupção de tudo o que amamos.”

Ação e texto, ambos constroem a realidade em termos do binómio que opõe nós a eles. Nós, os ativistas, nós, o mundo sem voz, nós, os defensores do clima, nós a humanidade; eles, os da Gucci, eles, os ultra ricos, eles, os destruidores do planeta com as suas ações. À naturalidade e normalidade da destruição, os ativistas opõem a vida, mas essa oposição faz-se por disrupção: “Temos de criar a disrupção de tudo o que amamos”. Quebrar o vidro de uma loja de artigos de luxo, mas também colocar cimento nos buracos de um campo de golfe, ou interromper a circulação de automóveis em artérias e estradas movimentadas da cidade. O foco da ação e do comunicado não é o governo, não são as petrolíferas, mas quem vive da produção e venda do luxo, contribuindo com isso para as emissões de carbono e, por acréscimo, para a desterritorialização e, com isso, para o deslocamento e movimento de populações e de refugiados: refugiados do clima e da fome que as suas transformações têm causado. Note-se o carácter agentivo dos verbos associados à representação dos ricos enquanto atores sociais - lucrar e declarar - e a representação passiva dos pobres e refugiados, as pessoas: “são despejados e deportados”. A representação é clara: as pessoas sofrem, o planeta sofre, porque os ricos lucram, são donos da terra, despejam e deportam, declarando em consequência guerra às pessoas e ao planeta.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Relembramos que uma das questões que motivaram este estudo dizia respeito à compreensão do modo como as ações destes jovens ativistas se concretizavam em contexto – considerando propósitos e consequências, assim como instrumentos usados – e à respectiva discussão. O que agora podemos frisar é que, num primeiro nível de análise, propósito e consequência aparecem intimamente ligados, considerando o bloqueio a outra face da disrupção – um é resultado, a consequência da outra, se vista esta como objetivo da ação. Efetivamente, a disrupção resulta sempre num bloqueio, ambos traduzíveis no objetivo último de perturbação, paragem e desconstrução da normalidade. Nesse sentido, todas as ações realizadas resultam da mesma forma: são ações que quebram a normalidade da vida quotidiana e que visam isso mesmo. Todavia, esse não é o nível de análise e consideração que faz jus à atitude destes jovens e às escolhas que fizeram perante a ausência de hipóteses de escolha que lhes impõem.

Da apresentação das ações levadas a cabo (vd. apêndice), nota-se que a grande maioria é de bloqueio. Embora, como já vimos, todas o sejam de alguma forma, por ações especificamente de bloqueio entendemos aquelas cuja função é fundamentalmente disruptiva, visando interromper, parar e, conseqüentemente, bloquear o funcionamento de algo. A realização destas ações – bloqueio de estradas, eventos, reuniões, acessos – concretiza-se por ação do corpo. Ainda que sob diferentes formas, o corpo constitui a força de bloqueio usada para a interrupção e alteração da realidade. Mesmo sendo usados instrumentos, o corpo é o instrumento fundamental. Já em ações de atirar tinta, que constituem o segundo maior conjunto de ações, o corpo serve como força motriz, mas não instrumentalmente, isto é, não é o corpo que concretiza a ação, que também visa o bloqueio. O corpo que irrompe inesperadamente e abre caminho, o corpo que é instru-

mento do arremesso, cumpre a sua funcionalidade numa outra ação: atirar tinta, sabendo-se que assim se interrompe o evento que está a decorrer.

O corpo existe também como instrumento nas ações em que a tinta é usada, sem que esse uso seja a ação em si. Assim sucede na ação de cobrir de tinta o quadro de Picasso, em que o corpo é usado, como o quadro de Picasso está a ser, como matéria de exposição. O corpo é instrumento, no caso, exposto; aqueles corpos, em tensão, são, afinal, os corpos cuja extinção se anuncia e se expõe, como natureza morta num quadro. Isto porque esse será o resultado, se nada for feito para diminuir e travar o consumo de combustíveis fósseis e as alterações climáticas que tal consumo provoca.

Considerando, então, o papel social das intervenções nos contextos em que ocorrem, motivação para a segunda pergunta que nos colocámos, diríamos que todas elas são ações de protesto, como são de disrupção, mas que são fundamentalmente ações de literacia transformadora. Para estes jovens, o que está em causa no seu ativismo e na irreverência com que agem é a sua própria vida, a sua existência futura. E essa é a mensagem que pretendem transmitir, a de jovens sem futuro como consequência de os seus antecessores geracionais o estarem a destruir com a inércia política e com a defesa de interesses da máquina de lucro que tudo determina e tudo pode.

A exposição e uso do corpo nestas ações representa precisamente a vida que, assim o entendem, lhes está a ser subtraída sem que eles sejam parte da equação. Daqui decorre que estas ações não sejam meramente reivindicativas, ostensivas e disruptivas. São-no de facto, mas ficarmo-nos por essa compreensão, sem verdadeiramente compreendermos a dimensão emancipatória do discurso e das práticas destes jovens, é como ter uma visão das árvores sem ter a noção da floresta que aquelas formam. Estamos efetivamente perante ações de literacia emancipatória, de criação de disrupção como forma de tomada de consciência:

“Temos de criar a disrupção de tudo o que amamos”. A mensagem destes jovens é a de que o que resulta da disrupção que provocam não é nada quando comparado com as alterações climáticas e as disrupções que estas causam. Não fazer nada é, para estes jovens, quase como “estar a ver a nossa casa a arder e atirar gasolina para o fogo”, como sintetizam as palavras da ativista que, a 18 de outubro, no embarque de um voo da ponte aérea Lisboa-Porto da TAP, a companhia aérea portuguesa, colou as suas mãos junto da porta do avião, impedindo o avião de descolar¹².

A condição desesperada da vida em risco máximo é uma situação de emergência no seu sentido mais literal. Trata-se do sentido de emergência que aprendemos, em pequenos, a identificar nos vários sinais de aviso e dispositivos de segurança dos meios de transporte ou edifícios públicos. Botões, alavancas, martelos ou extintores: todos de cor vermelha. A mesma cor vermelha/laranja fluorescente das faixas que se seguram ao parar o trânsito, das mãos tingidas que chamam a atenção no museu e dos coletes de segurança que cobrem o corpo dos ativistas na rua. Numa condição geralmente associada ao pânico e à agitação em busca da tabuleta verde da ‘saída de emergência’, estes jovens, serenos, recuperam o significado de ‘emergência’ e instigam ao debate em torno dessa (eventual) saída.

Assim, a marca identitária que as intervenções deixam neste coletivo, cuja identificação marcava a terceira preocupação subjacente a este estudo, é sobretudo a da literacia transformadora. A interpelação direta do ‘tu’, marca da construção dialógica de conhecimento emancipatório e transformador, num diálogo em oposição a um ‘eles’ movido por razões económicas e político-partidárias, é o cerne de tal marca. Estes

12 Esta, como outras ações, chama a atenção para o caráter supérfluo de muitas práticas humanas, que constituem atentados diretos à vida no planeta. Ressignificam o consumo de luxo e também as práticas das atividades de luxo, como ter uma ponte-aérea para um percurso que se faz em 2h e 3min de comboio, ou voos de jatos privados para percorrer a distância de 20 quilómetros entre o aeródromo de Tires (Cascais) e o aeroporto de Lisboa.

jovens são relacionais e dialógicos, vivendo, nestas ações, do encontro com o seu semelhante e da síntese compreensiva de tal dialogia. Neste aspeto, as ações destes movimentos ativistas ecoam em grande parte a filosofia existencialista de Martin Buber (Biemann, 2002) e a sua visão dialógica do ser humano consagrada na palavra e na linguagem, enquanto modo de existir. Note-se a subtileza e o pacifismo denotados, em certas das ações que considerámos, pelo uso de panfletos com a frase: “Olá, precisamos de falar, agora.” A semiose destas ações expõe uma visão relacional da existência e da construção do conhecimento, em que a noção de comunidade (eu e tu) se constrói em contra-corrente, quase dando significação imediata às palavras de Buber (Biemann, 2002, p. 201): “O sentimento de comunidade não reina onde a mudança desejada das instituições é arrancada em comum, mas sem comunidade, a um mundo que resiste. Reina onde a luta que é travada tem lugar a partir da posição de uma comunidade que luta pela sua própria realidade enquanto comunidade”¹³.

Parte da luta destes jovens é uma luta de legitimação discursiva e de significação social, visando assumidamente a discussão pública e o debate. Fazem-no, reclamando reconhecimento como interlocutores interessados e participantes ativos da transformação. Pela intervenção no espaço social, como pelas greves das sextas-feiras pelo clima, “exploram visões do futuro através de literacias transformadoras que enfatizam a mudança do mundo - radicalmente, com gentileza e com cuidado para com os outros” (Bowman & Germaine, 2022, p. 71).

13 Tradução nossa, a partir da tradução inglesa do original alemão em Biemann (2002): “*The feeling of community does not reign where the desired change of institutions is wrested in common, but without community, from a resisting world. It reigns where the fight that is fought takes place from the position of a community struggling for its own reality as a community*”.

CONCLUSÃO

A partir de uma posição determinada pela análise positiva do discurso, ideologicamente assumida como de reconhecimento de práticas de mudança para melhor, construídas na base de ações e comportamentos de resistência e emancipação, o objetivo deste estudo centrava-se na descrição e análise dos eventos desencadeados pelo coletivo de jovens ativistas climáticos em Portugal. Três perguntas de investigação conduziram os resultados a alcançar e motivaram metodologicamente o tratamento dos dados e a seleção dos elementos e categorias de análise. Procurámos assim saber como se caracterizam as ações destes jovens e que instrumentos foram usados, qual o seu papel social, interventivo e que marcas identitárias do grupo de ativistas ajudam a construir.

Para tanto, começámos por fazer uma breve contextualização do ativismo climático e das ações destes jovens, a que se seguiram algumas considerações sobre a análise discursiva dos movimentos ativistas climáticos, com tratamento de aspetos teóricos fundamentais para a análise. Na terceira parte, procedemos à análise propriamente dita, à luz das categorias apresentadas, examinando quatro ações consideradas representativas da totalidade das 21 ações levadas a cabo pelos jovens ativistas no período de dois meses, de setembro e outubro de 2023. Na parte relativa à discussão de resultados, foram sistematizadas algumas das características preponderantes das ações e levantadas hipóteses de interpretação e explicação, tendo como elemento norteador as perguntas de investigação do estudo. Resta agora tecer algumas considerações sobre a validade e pertinência do trabalho efetuado.

Considerando os objetivos do trabalho e os aspetos tratados na análise, os resultados apresentam validade e podem ser sistematizados em função de algumas linhas conclusivas, como demonstrado aquando na sua discussão. Pensamos, ainda assim, que a análise poderia ser mais desenvolvida, não apenas em termos

do número de ações que foram analisadas em pormenor, como na dimensão e profundidade. Limitações de espaço impediram-nos, porém, de dar corpo a essas possibilidades, pelo que em trabalho futuro uma maior pormenorização se exigirá. Seria também pertinente, para um conjunto reduzido de ações, obter um contraponto analítico da sua mediatização em diferentes espaços e órgãos de comunicação social. A relação da sociedade com estes jovens não corresponde à relação por eles idealizada, sendo as suas ações frequentemente minorizadas e/ou ridicularizadas, porquanto, quer do ponto de vista do seu ativismo, quer da literacia que convocam, estes jovens nem sempre são entendidos e frequentemente são subalternizados na apreciação que a opinião pública deles faz (vd. Bowman, 2020). Identificar quais os significados das ações destes movimentos que concorrem para a construção societal de tal subalternização parece-nos não só necessário como relevante para futuras análises do papel e ativismo destes jovens no diálogo transformador que defendem e praticam.

REFERÊNCIAS

- ALLAN, N. (2018). **Activism amid disappointment**: women's groups and the politics of hope in Egypt. *Middle East Law and Governance* 10: 291-316. DOI: <https://doi.org/10.1163/18763375-01003004>.
- BARTLETT, T. (2017). **Positive Discourse Analysis**. In J. Flowerdew & J. E. Richardson (eds.), *The Routledge handbook of critical discourse studies* (pp. 133-147). Taylor and Francis.
- BIEMANN, A. D. (ed.). (2002). *The Martin Buber Reader: Essential Writings*. Palgrave Macmillan.
- BOWMAN, B., & GERMAINE, C. (2022). **Sustaining the old world, or imagining a new one? The transformative literacies of the climate strikes**. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 70–84. DOI: <https://doi.org/10.1017/aee.2022.3>
- BOWMAN, A. D. (2020). **'They don't quite understand the importance of what we're doing today'**: the young people's climate strikes as subaltern activism. *Sustainable Earth* 3(16). <https://doi.org/10.1186/s42055-020-00038-x>

- HALLIDAY, M. A. K. (1978). *Language as a social semiotic: The social interpretation of language and meaning*. Edward Arnold.
- HALLIDAY, M.A.K. (2014). *An Introduction to Functional Grammar*, 4th Edition, revised by C. Matthiessen. Edward Arnold.
- HUMPHREY, S. L. (2013). **Empowering adolescents for activist literacies**. *Journal of Language and Literacy Education [Online]*, 9(1): 114-135. Available at <http://jolle.coe.uga.edu/wp-content/uploads/2013/05/Empowering-Adolescents.pdf>
- JACKSON II, R. L., DRUMMOND, D. K., & CAMARA, S. (2007). **What Is Qualitative Research?**, *Qualitative Research Reports in Communication* 8 (1): 21-28.
- JOOSUB, N. (2023). **A Foucauldian discourse analysis of women's resistance against exclusion from a mosque in Johannesburg**. *Feminism & Psychology* 33(4): 489-507. DOI: <https://doi.org/10.1177/09593535231176962>
- KARYOTIS, G., SKLEPARIS, D., & PATRIKIOS, S. (2022). **New migrant activism: frame alignment and future protest participation**. *The British Journal of Politics and International Relations* 24(2): 381-400. <https://doi.org/10.1177/13691481211037988>
- KRESS, G. (2010). *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. Routledge.
- KRESS, G., & VAN LEEUWEN, T. (2001). *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. Oxford University Press.
- MARTIN, J. R. (2004). **Positive Discourse Analysis: Power, solidarity and change**. *Revista Canaria de Estudios Ingleses* 49: 179-202.
- MARTIN, J. R. (2002). **Blessed are the peacemakers: Reconciliation and evaluation**. In C. Candlin (ed.). *Research and practice in professional discourse* (pp. 187-223). Hong Kong University Press.
- MARTIN, J. R., & ROSE, D. (2008). *Genre Relations: Mapping Culture*. Equinox.
- OSBORNE, D., JOST, J. T., BECKERT, J. C., BADAANT, V., & SIBLEY, C. G. (2019). *European Journal of Social Psychology* 49: 244-269. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2522>
- SANTOS, T. R., UZELGUN, M. A., & CARVALHO, A. (2023). **Young climate activists in television news: an analysis of multimodal construction of voice, political recognition, and co-optation**. *The Communication Review*. <https://doi.org/10.1080/10714421.2023.2251310>
- ZIDJALY, N. A. (2014). Geosemiotics; Discourses in place. In: S. Norris & C. D. Maier (eds.), *Interactions, Images and Texts - A reader in multimodality* (pp. 63-76). De Gruyter Mouton.

APÊNDICE

Data (2023)	Ação	Descrição
14 de setembro	Bloqueio	Bloqueio das entradas do local onde decorria o Conselho de Ministros por cerca de 20 estudantes que a elas se prenderam.
15 de setembro	Manifestação	Ação coletiva de manifestação junto ao tribunal de Oeiras em apoio aos jovens ativistas detidos e presentes a tribunal. Palavras de ordem e comunicado.
20 de setembro	Colar cartazes	Ação coletiva de colagem de cartazes nas sedes da GALP e da REN. Nos cartazes vêm-se rostos de vítimas dos incêndios ocorridos em Pedrogão Grande e perguntas como “Quem matou 66 pessoas nos incêndios de Pedrogão Grande?”
26 de setembro	Atirar tinta	Num evento público, o ‘CNN Portugal Summit’, 3 ativistas dirigiram-se ao Ministro do Ambiente e uma ativista atingiu-o com tinta verde. Gritaram: “sem futuro não há paz”, “O Governo provou que não quer saber da transição climática ao fazer conferências com a EDP e a GALP”, “Este vai ser o último Inverno de gás”, “Não permitimos que vendam o nosso futuro” e “A Galp e a EDP não querem saber da transição justa”.
27 de setembro	Bloqueio/ Atirar tinta	3 ativistas interromperam os trabalhos do ‘World Aviation Festival’, em Lisboa, com gritos contra a indústria da aviação. Há faixas com palavras de ordem. Usando extintores, outros ativistas lançaram tinta vermelha na fachada do edifício em que decorria o evento (Feira Internacional de Lisboa).
30 de setembro	Manifestação	Participação dos ativistas numa manifestação em Lisboa, promovida pelo Movimento “Casa para viver, planeta para habitar”, combinando a causa do direito à habitação com a da justiça climática. Registaram-se manifestações em 24 cidades do país, com muita visibilidade mediática. Cartazes e palavras de ordem, tais como: “A nossa casa está a arder”, “Vida justa para todas as pessoas”, “Rendas controladas - manifs descontroladas”, “Eu não saí de um armário para agora viver num”, “Sem teto para habitar, sem dignidade para viver”.

3 de outubro	Bloqueio	Um grupo de 11 ativistas interrompeu o trânsito na 2ª circular de Lisboa, na via de sentido oeste-este daquela estrada, uma das mais congestionadas à hora a que decorreu a ação: 9 horas. Sentados no chão, 9 jovens interromperam completamente durante alguns minutos a via; 2 outros penduraram-se na ponte pedonal que a atravessa.
4 de outubro	Bloqueio	Das 8 horas às 8h45, ativistas bloqueiam o trânsito na Rua de São Bento, em Lisboa (nas imediações do local onde fica a Assembleia da República): 3 permanecem sentadas no chão, de <i>t-shirt</i> branca com a frase: “Eles declararam guerra contra a vida”; usam coletes identificadores e seguram uma faixa onde se lê “Eles estão a destruir tudo o que amas. Vais ficar sentado a ver?”, uma quarta ativista passeia pela passadeira. Distribuição de panfletos.
5 de outubro	Atirar tinta	Ativistas lançaram tinta vermelha para a fachada da sede da empresa Redes Energéticas Nacionais (REN), em Lisboa. Depois, 3 ativistas permanecem à frente do edifício, segurando faixa vermelha onde se lê: “Estão a destruir tudo o que amas”. Comunicado: “A REN está conscientemente a escolher manter e expandir a infra-estrutura de gás fóssil em vez de parar estas armas de destruição em massa e implementar a transformação necessária em toda a rede eléctrica. Está assim deliberadamente a garantir a morte de milhares de pessoas, todos os anos. Este é um dos crimes de guerra mais horrendos da história da humanidade, e não o deixaremos passar em branco”.
6 de outubro	Bloqueio	Às 11 horas, vários ativistas bloqueiam o trânsito na Avenida de Roma, em Lisboa: três permanecem sentados no chão, de <i>t-shirt</i> branca com a frase: “Eles declararam guerra contra a vida”; usam coletes identificadores e seguram faixa com: “Crise climática, o fim da normalidade”. Comunicado: “Setembro foi uma anomalia climática sem precedentes. Em paralelo, saiu hoje um relatório da Unicef que indica que eventos climáticos extremos deslocaram pelo menos 43 milhões de crianças nos últimos anos. Estas são só as que conhecemos, possivelmente só a ponta do iceberg de acordo com a Unicef. Tudo isto é legal. Como podemos consentir com esta normalidade?”

7 de outubro	Partir vidros	Ativistas partem vidros da fachada da sede da REN, em Lisboa. Depois, ativistas permanecem à frente do edifício, segurando cartazes onde se lê: “Desarmar as armas.” e “Eles declararam guerra contra a vida”. Comunicado: “A própria OMS diz que a crise climática está a matar centenas de milhares de pessoas todos os anos, e os culpados não têm qualquer plano viável para parar.”
10 de outubro	Bloqueio	Em plena hora de ponta, sete ativistas bloquearam o trânsito entre Avenida 5 de Outubro e Avenida de Berna, em Lisboa: três ficaram sentados no chão, de <i>t-shirt</i> branca com: “Eles declararam guerra contra a vida”; usam coletes identificadores e seguram faixa com: “A crise climática é um genocídio.” Distribuição de panfletos: “Olá, precisamos de falar, agora.” Comunicado: “Para os ativistas, os governos e as empresas são os culpados da crise atual, sendo culpados por condenar à morte milhares de pessoas devido aos seus planos de expansão da aviação, de criação de novos gasodutos e de continuação de utilização do gás fóssil para produção de eletricidade”.
12 de outubro	Cimento	Ativistas entraram num campo de golfe da cidade de Lisboa, à noite. Taparam alguns dos buracos com cimento e substituíram algumas das bandeiras com bandeiras que o grupo costuma usar em manifestações públicas. No dia seguinte, 12 de outubro, partilharam o registo da iniciativa nas suas redes sociais e enviaram comunicado escrito à redação de vários meios de comunicação.
12 de outubro	Bloqueio	Das 8 horas às 8h45, ativistas bloquearam o trânsito na Praça José Fontana, em Lisboa: quatro permaneceram sentados no chão, de <i>t-shirt</i> branca com: “Eles declararam guerra contra a vida”; usam coletes identificadores e seguram uma faixa com: “Eles estão a destruir tudo o que amas. Vais ficar sentado a ver?”; outra ativista passeia pela passeadeira. Distribuição de panfletos.
13 de outubro	Atirar tinta	Perto das 12 horas, dois ativistas espalharam tinta vermelha com as mãos sobre o acrílico que cobre o quadro <i>Femme dans un fauteuil (m'êtamorphose)</i> (1929), da autoria de Pablo Picasso, em exibição numa sala do Centro Cultural de Belém (Lisboa). Sentaram-se no chão e ficaram encostados à mesma parede onde está o quadro. No fim, produziram discurso, terminando com “Junta-te a nós.”

<p>17 de outubro</p>	<p>Bloqueio</p>	<p>Entre as 8 horas e as 12h30, um grupo de ativistas bloqueou a entrada principal da sede da GALP e ocuparam o espaço de várias formas: três ativistas sentaram-se no chão com as mãos coladas às portas de vidro; três ficaram de pé, segurando faixa com: “Lucros recorde - caos climático”; três penduraram no topo da fachada uma faixa azul escura com (letras brancas e amarelas): “Lucro\$ gás custo de vida recorde”; sete ativistas seguravam pequenos cartazes: “420m € lucros 9,3% Inflação”, “Culpados do aumento do custo de vida”. Enunciadas palavras de ordem.</p>
<p>18 de outubro</p>	<p>Colagem de mãos</p>	<p>Pelas 9h40, durante o embarque de um voo Lisboa-Porto da companhia TAP, vários ativistas embarcaram (com bilhetes comprados) e uma (vestida com camisola vermelha) colou as mãos no interior da porta. Discurso: “É absolutamente insano. Isto é atirar gasolina para uma casa em chamas. Como é que é possível o nosso Governo, as nossas empresas permitirem que estes voos aconteçam quando precisamos de cortar emissões?”</p>
<p>19 de outubro</p>	<p>Bloqueio</p>	<p>Ativistas bloquearam o trânsito da Rua da Escola Politécnica, em frente ao Museu de História Natural e da Ciência, em Lisboa: 3 sentaram-se no chão, com coletes identificadores e faixa com: “Estão a destruir tudo o que amas”. Comunicado: “Há milhões de mortes declaradas pela crise climática, e têm culpados. Os governos e empresas emissoras estão neste momento a matar milhares de pessoas, a despejar dezenas de milhões, a queimá-las vivas, a afogá-las. Estas mortes foram conscientes. Isto é guerra. Temos o dever de resistir, e as instituições de dizer a verdade.”</p>
<p>20 de outubro</p>	<p>Atirar tinta</p>	<p>Uma ativista atirou tinta verde ao Ministro das Finanças, que estava a falar sobre o Orçamento do Estado para 2024, durante uma aula aberta na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Palavras de ordem: “Sem futuro não há paz. Não há paz até ao último Inverno de gás.” Um dos corredores da Faculdade foi manchado com tinta cor-de-rosa. Comunicado.</p>

21 de outubro	Partir vidros	Quatro jovens deslocaram-se à loja Gucci, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, uma loja de produtos de luxo, e partiram o vidro da montra com recurso a marretas. Deixaram inscrita no vidro, uma inscrição a vermelho: “Partir em caso de emergência climática”.
22 de outubro	Bloqueio	Duas ativistas interromperam o início de atuação no Teatro São Luiz, da peça “Europa” (história escrita por David Greig sobre a guerra civil nos países dos Balcãs). Subiram ao palco e falaram: “Esta peça é sobre nós, sobre a nossa normalidade, sobre a nossa cumplicidade, sobre a nossa responsabilidade coletiva.” Comunicado.